



**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
TROCANDO SABERES**

PINHEIRO, Patrícia Magalhães

Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: patti_magalhaes@hotmail.com

SANTANA, Tatiana de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: tati_ubuntu@hotmail.com

PAULA, Josiane Beloni de

Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: belonijbc@hotmail.com

PAIM, Elison Antonio

Universidade Federal de Santa Catarina
Email: elison0406@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

RESUMO

O presente artigo narra relatos de experiência construídos ao longo do desenvolvimento do projeto “Educação Ambiental na EJA: uma parceria pela cidadania”, realizado pelo Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Seu objetivo principal era levar a temática da Educação Ambiental para a EJA, proporcionando situações de ensino-aprendizagem sobre o Cerrado nas trilhas do Bosque Auguste Saint-Hilaire de acordo com os princípios da Educação Ambiental. Em relação à metodologia empregada, salientamos que as atividades do projeto envolveram, inicialmente, sua apresentação para professoras/professores da EJA, a capacitação de monitoras/monitores e, finalmente, o desenvolvimento das atividades no bosque. Assim que chegavam as/os educandas/educandos e educadoras/educadores da EJA eram recepcionados por um grupo de monitoras/monitores que os encaminharam para uma peça de teatro de fantoches relacionada ao combate ao *Aedes aegypti*. Em seguida recebiam camisetas do projeto, crachás com seus nomes e eram encaminhados ao bosque August Saint-Hilaire, lá eram divididos em grupos e se direcionavam as trilhas. Eram nestes momentos onde a troca de saberes e experiências se intensificavam, havendo assim um verdadeiro entrelaçamento entre o conhecimento advindo do seio da universidade com o conhecimento tradicional, passado de geração em geração e riquíssimo de significados.

Palavras-chave: Educação e Jovens e Adultos (EJA), educação ambiental, espaços não formais de educação e formação de professoras/professores de Ciências Biológicas.



Aqui no mato
Vai ocupando o concreto
Os bichos pastam
Onde há de haver mais prédios
Condomínios que prometem
O prazer do mato dentro da cidade
Mato dá prazer

Ver tombar no horizonte
Sem mais perigos o sol
Olha esse céu
Quando sonhamos, ele assim
Empilhando olhares pro nosso jardim?
Mas quem é que não quer, enfim
Que venha o progresso?
O progresso é mato

No barbecue envenenado
Na carga o câncer, na carne cara
Já nem se sabe quanto se paga
E a quem se paga
Pra manter nosso destino de crescer
Quanto mais alto está o céu
Mais alto está você
Que vai pro mato pra espairecer
Pra esquecer esse ser tão urbano

Carne Doce

INTRODUÇÃO

O presente trabalho narra relatos de experiência (BENJAMIN, 2012) construídos ao longo do desenvolvimento do projeto de extensão “Educação Ambiental na EJA: uma parceria pela cidadania”, idealizado e realizado pelo Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da Universidade Federal de Goiás (UFG) nos anos de 2008 e 2009. Salientamos que esse projeto foi uma adaptação do bem sucedido programa de educação ambiental “A escola vai ao Bosque Auguste Saint-Hilaire” que atendia somente estudantes do ensino regular.

Ao fazer o exercício de rememorar o já vivido para construir as narrativas aqui apresentadas, compreendemos o tempo cíclico, negando a linearidade, continuidade e homogeneidade do mesmo. Sendo assim, o tempo da rememoração é um tempo vivo, aliado a memória para compor as narrativas permeadas pelas experiências vividas. De acordo com Benjamin ao pensarmos nas experiências vividas devemos nos atentar ao insignificante, as miudezas, ao desimportante (2012).



Toda memória é uma transmutação das experiências vividas, ou seja, toda memória destila o passado, em vez de simplesmente refleti-lo. No ato de rememorar ocorre seleção, destilação, distorção e transformação “do passado, acomodando as lembranças às necessidades do presente” (LOWENTHAL, 1998, p. 94).

Enquanto a autora Patrícia Magalhães Pinheiro cursava graduação em Ciências Biológicas, modalidade Licenciatura teve o privilégio de participar do projeto supracitado como monitora, o que proporcionou uma primeira aproximação e, conseqüente, encantamento com a temática da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Este projeto tinha como seus principais objetivos: levar a temática da Educação Ambiental para a EJA; proporcionar situações de ensino aprendizagem sobre o Cerrado nas trilhas do Bosque Auguste Saint-Hilaire (espaço não formal de aprendizagem); compreender as relações existentes entre o objeto de conhecimento e a/o aprendiz no estudo das Ciências da Natureza; conhecer as relações entre os elementos da natureza, principalmente, os que compõem o bioma Cerrado; conhecer as concepções das/dos professoras/professores da EJA da Rede Municipal de Ensino de Goiânia sobre educação ambiental, ciências/biologia; aproximar e incentivar acadêmicas/acadêmicos de licenciatura, principalmente de Ciências Biológicas, Geografia e História da UFG a trabalharem com a realidade da EJA; aproximar acadêmicas/acadêmicos de pós-graduação das/dos autoras/autores da escola, tanto as/os discentes quanto as/os docentes.

É necessário salientar que existem inúmeros conceitos de Educação Ambiental (EA), alguns enfatizam apenas os aspectos ecológicos, enquanto outros dialogam com diversas áreas do conhecimento. A partir da Conferência de Tbilisi no ano de 1997 surgiram definições de EA aceitas internacionalmente, são elas:

[...] a educação ambiental é um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu Meio Ambiente e adquirem o conhecimento, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os tornam aptos a agir – individual e coletivamente – e resolver problemas ambientais (TELLES et al., 2002, p. 34).

A educação ambiental é um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios físicos (SATO, 2003, p. 23).



[...] educação ambiental é o resultado de uma reorientação e articulação de diversas disciplinas e experiências educativas, que facilitam a percepção integrada do Meio Ambiente, tornando possível uma ação mais racional e capaz de resolver as necessidades sociais (DILL, 2008, p. 78).

De acordo com a legislação brasileira destacamos a compreensão sobre Educação Ambiental expressa na Lei nº 9.795 do ano de 1999, capítulo I, artigo 1º:

Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

Tais definições apontam para a necessidade de formação de um ser humano mais responsável, tanto na esfera individual quanto na esfera coletiva, pela sustentabilidade, desta forma, a ação individual no domínio privado e a ação coletiva no domínio público devem promover o desenvolvimento sustentável.

METODOLOGIA

Em relação à metodologia empregada, salientamos que as atividades do projeto “Educação Ambiental na EJA: uma parceria pela cidadania” envolveram, inicialmente, sua apresentação para professoras/professores da EJA, a capacitação de monitoras/monitores (graduandas/graduando das licenciaturas de Ciências Biológicas, Geografia e História) e, finalmente, o desenvolvimento das atividades no bosque Auguste Sanit-Hilaire da UFG. A apresentação para as/os professoras/professores da EJA ocorreu na Secretaria Municipal de Educação, onde foram expostos os objetivos, a metodologia e os resultados esperados. Já a capacitação das/dos monitoras/monitores foi desenvolvida pelas/pelos professoras/professores universitários envolvidos no projeto, docentes da UFG, perfazendo carga horária de 20 horas e explorando temáticas relacionadas às especificidades da EJA, a práxis da Educação Ambiental e a relação do ser humano com a natureza, botânica, zoologia dos invertebrados e vertebrados, micologia, bioma Cerrado, etc. Pontuamos que para realizar o desenvolvimento das atividades no bosque era necessário o agendamento prévio das visitas pelas escolas juntamente com a coordenação do projeto.

Assim que chegavam à universidade as/os discentes e docentes da EJA eram recepcionados por um grupo de monitoras/monitores que os encaminhavam para uma



peça de teatro de fantoches relacionada ao combate do *Aedes aegypti*, vetor de inúmeras doenças, dentre elas: dengue, febre amarela, zika vírus e chikungunya. O teatro de fantoches empregava o uso do lúdico para despertar a sensibilidade das/dos educandas/educandos e alertar sobre a importância de cuidarmos do meio ambiente em que vivemos.

Em seguida, as/os educandas/educandos e suas/seus professoras/professores recebiam camisetas do projeto, crachás com seus nomes e eram encaminhados ao bosque August Saint-Hilaire onde monitoras e monitores informaram a origem do nome do bosque, o tipo de vegetação que ali habita, quais seres vivos coexistiam naquele fragmento de Cerrado, quais eram as interações existentes entre os seres humanos e demais elementos, sejam eles abióticos (não vivos) ou bióticos (vivos). Logo depois, as/os educandas/educandos eram divididos em grupos e se direcionavam as trilhas sensitivas, onde utilizaram de lupas e vendas nos olhos para a realização de atividades de sensibilização. Durante a trilha as/os monitoras/monitores ressaltaram, principalmente, as interações existentes no ambiente e mostravam as/aos educandas/educandos da EJA colônias de formigas, colônias de cupins, fungos, serrapilheiras, árvores, macacos-prego, pássaros de diversas espécies, etc. Era nestes momentos onde a troca de saberes e experiências se intensificavam. Quando nós monitoras/monitores dizíamos que dada árvore tinha um nome científico daqueles bem difíceis de decorar, as/os educandas/educandos da EJA nos diziam que o chá da folha ou o óleo do caule era bom para gripe, para dor nos rins, etc. Enfim, havia um verdadeiro entrelaçamento entre o conhecimento advindo do seio da universidade com o conhecimento tradicional, passado de geração em geração e riquíssimo de significados (BENJAMIN, 1992; FREIRE, 2000; TARDIF, 2007).

Sobre o entrelaçamento e indissociabilidade entre o processo de ensinar e aprender:

É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém (FREIRE, 2000, p. 25).



Depois do percurso na trilha as/os estudantes da EJA desenharam livremente o que mais lhes chamou a atenção no interior do bosque, com auxílio de folhas sulfites, lápis de cor, giz de cera e canetas hidrográficas. Todos se divertiam muito durante a realização desta etapa, interagindo com as/os colegas e se orgulhando de seus processos criativos e produtos finais.

Após a realização dos desenhos as/os estudantes e professoras/professores eram encaminhados para o Centro de Convivência da UFG onde realizavam o lanche. Neste momento realizávamos, também, os agradecimentos, me recordo que sempre éramos tomados por fortes emoções, pois as riquezas das experiências vividas naquelas tardes, muitas das vezes, não cabiam nas palavras e abraços e lágrimas começavam a brotar.

RESULTADOS

A riqueza das situações de ensino aprendizagem vividas no projeto “Educação Ambiental na EJA: uma parceria pela cidadania”, da UFG estão entre os mais significativos resultados alcançados. Pois, a troca de saberes entre as/os aprendizes da EJA e aprendizes da academia, ou seja, as/os futuras/futuros educadoras/educadores se deu de maneira espontânea, respeitosa, sem hierarquizações entre os diferentes conhecimentos. Outra contribuição positiva do projeto está em romper com o enorme hiato que separa as/os educandas/educandos da EJA da universidade vista antes por esses sujeitos como algo inalcançável.

Pontuamos que, o uso de espaços não formais de educação através de aulas de campo em reservas biológicas como esta, tornou o aprendizado muito mais significativo, pois além de aproximar as/os estudantes da realidade e das riquíssimas trocas de saberes, favoreceu a problematização de situações ligadas ao cotidiano e a formação de mentalidades capazes de criticar e encontrar soluções, através de uma visão mais ampla dos problemas ambientais atuais e suas consequências futuras (KOFF, 1995).

Cazelli e Vergara (2007) apontam que a educação não formal se diferencia da formal e mesmo da informal devido à intencionalidade das instituições que as desempenham, bem como a dos idealizadores das ações (no caso dos museus, das reservas biológicas, das trilhas, dos parques, os conceptores das exposições e das



atividades de cunho educacional/cultural), sempre tendo como objetivos a união entre elementos da cultura, dos saberes e do lazer.

Enfim, acreditamos que o trabalho em Educação Ambiental foi capaz de causar mudanças reais, quando as pessoas começam a observar e expressar a leitura que fazem, dos ambientes em que vivem: casas, bairros, locais de trabalho, lazer, cidade, etc. Assim, o Projeto “Educação Ambiental na EJA: uma parceria pela cidadania”, trouxe a dimensão do aprender vivendo, lendo o mundo a nossa volta, não só para as/os estudantes da EJA, mas também para as/os estudantes da graduação e futuras/futuros professoras e professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, magia e política**. Trad. Maria Luz Moita. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

BRASIL. MEC. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e Quatro Ciclos do ensino fundamental – Meio Ambiente. Brasília: Outubro, 1997.

BRASIL, Lei nº 9.795 de 27 de Abril de 1999. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Diário Oficial, Brasília, 28 de abril de 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação – Conselho Pleno. Resolução 1/2002 – **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica**. Diário Oficial, 4 de março de 2002.

BRASIL, Lei nº 9.795 de 27 de Abril de 1999. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Diário Oficial, Brasília, 28 de abril de 1999.



CAZELLI, Sibebe, VERGARA, Moema. O passado e o presente das práticas de educação não formal na cidade do Rio de Janeiro. In: **I Encontro de História da Educação do estado do Rio de Janeiro**. Niterói, RJ;. CD-ROM do IEHEd – RJ, 2007.

DILL, Michele Amaral. Educação Ambiental no Brasil. In: **Educação ambiental crítica: a formação da consciências ecológica**. Porto Alegre: Nuria Fabris Ed., 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

JACOBI, P. R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, maio/ago. 2005, v. 31, n.2, p.233 – 250.

KOFF, E. D. **A Questão Ambiental e o Estudo de Ciências: algumas atividades**. Goiânia: UFG. Série RIDEDEC, 1995

LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. In: **Trabalhos da Memória**. Projeto História - Nº 17. São Paulo: EDUC, 1998, pp.63-201.

PASQUALI, M. et al. **Ensinando elementos da natureza no bosque Auguste Saint-Hilaire**. VIII Encontro perspectivas do ensino de biologia. São Paulo: USP, 2002.

SATO, Michéle. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima, 2003.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TELLES, Marcelo de Queiroz et al. **Vivências Integradas com o Meio Ambiente**. São Paulo: Editora Sá, 2002.